

# Club Noir faz versão sintética de clássico político de Genet

Companhia, que comemora dez anos, estreia hoje em SP montagem de 'O Balcão', do dramaturgo francês

**Escrito nos anos 1950, texto faz duras críticas a instituições de poder, que se envolvem em fantasias em um bordel**

O diretor Sérgio Ferrara (10/10), o crítico Kil Abreu (17/10) e os dramaturgos Zen Salles (24/10) e Antônio Rogério Toscano (31/10) completam o ciclo de conversas.

## O BALCÃO

**QUANDO** sex., às 21h, sáb., às 19h e às 21h, dom., às 20h; até 10/11  
**ONDE** Club Noir, r. Augusta, 331, tel. (11) 2309-7271  
**QUANTO** R\$ 20; 14 anos



Juliana Galdino (à frente), Diego Machado e Luísa Micheletti (ao fundo) em cena da peça

MARIA LUÍSA BARSANELLI  
EDITORA-ASSISTENTE DA "ILUSTRADA"

Poeta dos marginais, o francês Jean Genet (1990-86) tem seu teatro absurdo frequentemente associado a uma temática de cunho erótico e, muitas vezes, obscena.

Mas, na montagem de "O Balcão" que o grupo Club Noir estreia nesta sexta (2), o sexo está menos em imagem e mais em palavras: não há nudez ou referências físicas ao ato sexual. Com atuações estáticas, os personagens restringem o erotismo ao que é dito.

"É um texto muito filosófico. O sexo serve para Genet colocar os homens em situações-limite e, assim, filosofar sobre o sentido da vida", opina o diretor Roberto Alvim.

Escrita em 1956, a peça faz duras críticas a instituições de poder. Enquanto uma cidade passa por uma revolta popular, frequentam um bordel diversas autoridades — a polícia, a igreja, o Exército, a Justiça. Por meio de fantasias eróticas, exercem ali jogos de poder.

Como diz o juiz (Renato Fomer) enquanto transa com uma ladra (Tayná Marquezoni): "É de mim que dependem a balança, o equilíbrio. O mundo é uma maçã, corto-a em dois: os bons e os maus. E você aceita, obrigado, você aceita ser a má!".

Ou como define a cafetina Madame Irma (papel de Juliana Galdino): o bordel é, afinal, um espelho do mundo e de seus mecanismos de poder.

"Ali, você vê como o jogo funciona", afirma Alvim. "O juiz só tem personalidade quando há um criminoso, a polícia é um fantoche do poder judiciário, a igreja é uma contradição ambulante."

A peça, que integra as celebrações de uma década da companhia, reflete uma realidade nacional, diz o diretor. "Ela se conectou muito com o momento em que vivemos, a crise institucional do Brasil e a sensação de que as instituições não são confiáveis."

## VINIL ESPELHADO

No Brasil, o texto ficou marcado por uma montagem grandiosa, em 1969, do diretor Victor Garcia. Com Ruth Escobar, Raul Cortez e Célia Helena no elenco, tinha um cenário monumental no Teatro Ruth Escobar, em São Paulo. O público era alocado em torno do palco, numa plateia feita de andaimes com formato semelhante a balcões.

No caso do Club Noir, trata-se de uma adaptação mais enxuta, com o texto reduzido de duas para uma hora. "Genet repete muitas coisas, então deixamos só o essencial", diz Alvim. "Mas, quando ele acerta, a palavra tem uma qualidade ao mesmo tempo filosófica e poética."

Também são poucos os elementos de cena. Os personagens surgem iluminados por focos de luz sobre um chão de vinil — referência ao traje sadomasoquista e às indicações visuais do autor, que descreve uma sala espelhada.

Aos sábados, após a segunda sessão da peça, haverá debates sobre a obra do francês. Nesta semana, o bate-papo é com o jornalista e crítico de teatro Welington Andrade.